

Miriam Leitão

• O ministro Pedro Malan entrou com o presidente Fernando Henrique e sairá com ele. Entre um momento e outro, passaram-se oito anos. Só este fato já é um espanto. Nos nove anos anteriores à posse de Pedro Malan, o Ministério da Fazenda teve 12 ocupantes, o que dá uma média de um novo titular a cada nove meses na mais estratégica, difícil e invejada cadeira do Ministério. Na democracia, é o que mais tempo ficou no cargo.

E Malan encontrou o seu jeito de ocupar esta cadeira. Alguém se lembra daquela romaria de jornalistas correndo atrás e cercando o ministro, transmutando em notícia seus atos mais corriqueiros? Nunca houve tal assédio com Malan.

Não que seus fins de semana fossem sagrados. Como morou sempre em Brasília, e o presidente da República também, tornaram-se um hábito as conversas sem hora para terminar nos sábados e domingos. Afeiçãoaram-se. A História terá dificuldades de separar os dois. A política econômica de Fernando Henrique foi Malan.

Desvalorização do real, o momento mais difícil

• E uma política econômica que também só a História avaliará com objetividade. Ele manteve a inflação sob controle e, só agora no final, ela superou o barreira dos dois dígitos, indo para 11% ao ano. Foi com a participação dele, na época no Banco Central, que o Brasil venceu a mais longa e aflitiva inflação jamais vivida e que chegara aos níveis de 5.000% ao ano. No período dele, foi feito o mais perigoso ajuste bancário do país. Dos dez maiores bancos brasileiros, foram liquidados três: o Econômico, o Nacional e o Bamerindus. O Proer foi acusado de ser um plano de ajuda aos banqueiros, mas o fato que a vida registra é que os banqueiros perderam seus bancos e os correntistas mantiveram seu dinheiro nas contas. Passou, em 99, pela mais violenta das desvalorizações já ocorridas no país. Foi neste momento que mais sofreu no cargo.

Ele acha que há outro momento da vida em que se debateu em um doloroso dilema: foi em agosto de 93, quando foi convidado por Fernando Henrique, o quinto ministro da Fazenda de Itamar Franco em oito meses de mandato, a assumir o Banco Central. A inflação estava em 40% ao mês, os bancos em dificuldade, negociação da dívida externa não concluída, era uma aposta de altíssimo risco. Ele aceitou e viu o que considera ser a maior lição profissional que teve:

— Fernando Henrique conseguiu montar uma equipe; e exatamente da soma desses talentos é que foi possível a URV e o real.

Participação aberta no debate político

• Passou também por uma dura discussão interna logo no período da posse, em 95. A crise do México estourou em dezembro de 94 e chegou aqui bem no início do governo Fernando Henrique. A equipe se dividiu, parte dela querendo que fosse feita uma desvalorização.

— Estou convencido, até hoje, que, se a moeda fosse desvalorizada naquela época, o Real haveria de se juntar aos planos Cruzado, Bresser, Verão, Collor, ou seja, seria mais um plano fracassado — conta.

Nestes oito anos, enfrentou problemas criados aqui e uma série impressionante de crises externas. Malan acha que, com o tempo, o atual período será visto com um pouco mais de objetividade.

Durante os dois últimos anos, o ministro da Fazenda de FH teve uma atitude controversa. Passou a falar, como nunca antes, em questões políticas. Especificamente, vigiou cada atitude, documento e declaração do PT. E criticava. Achava que um partido com

chances concretas de chegar ao poder não poderia ter seus líderes envolvidos em proposta de moratória, ou produzir em uma reunião anual um texto propondo a “ruptura” com a atual política econômica. O PT se irritava, evidentemente. Os políticos viam, nesses ataques frontais, o sonho de ser candidato. Esperou-se o dia fatal da filiação partidária e ele não se filiou. Até hoje nega que tenha pensado em se candidatar.

Balanço dos avanços e das frustrações

• Era de fato arriscado para as pretensões eleitorais do PT falar em “ruptura” e em “moratória”. O partido acabou, durante a campanha, se comprometendo na Carta aos Brasileiros e nas declarações com pontos dos quais anteriormente dissera discordar. Parecia implicância de Malan e envolvimento em questões que não lhe diziam respeito. E foi, na verdade, uma antecipação dos fatos, um alerta importante.

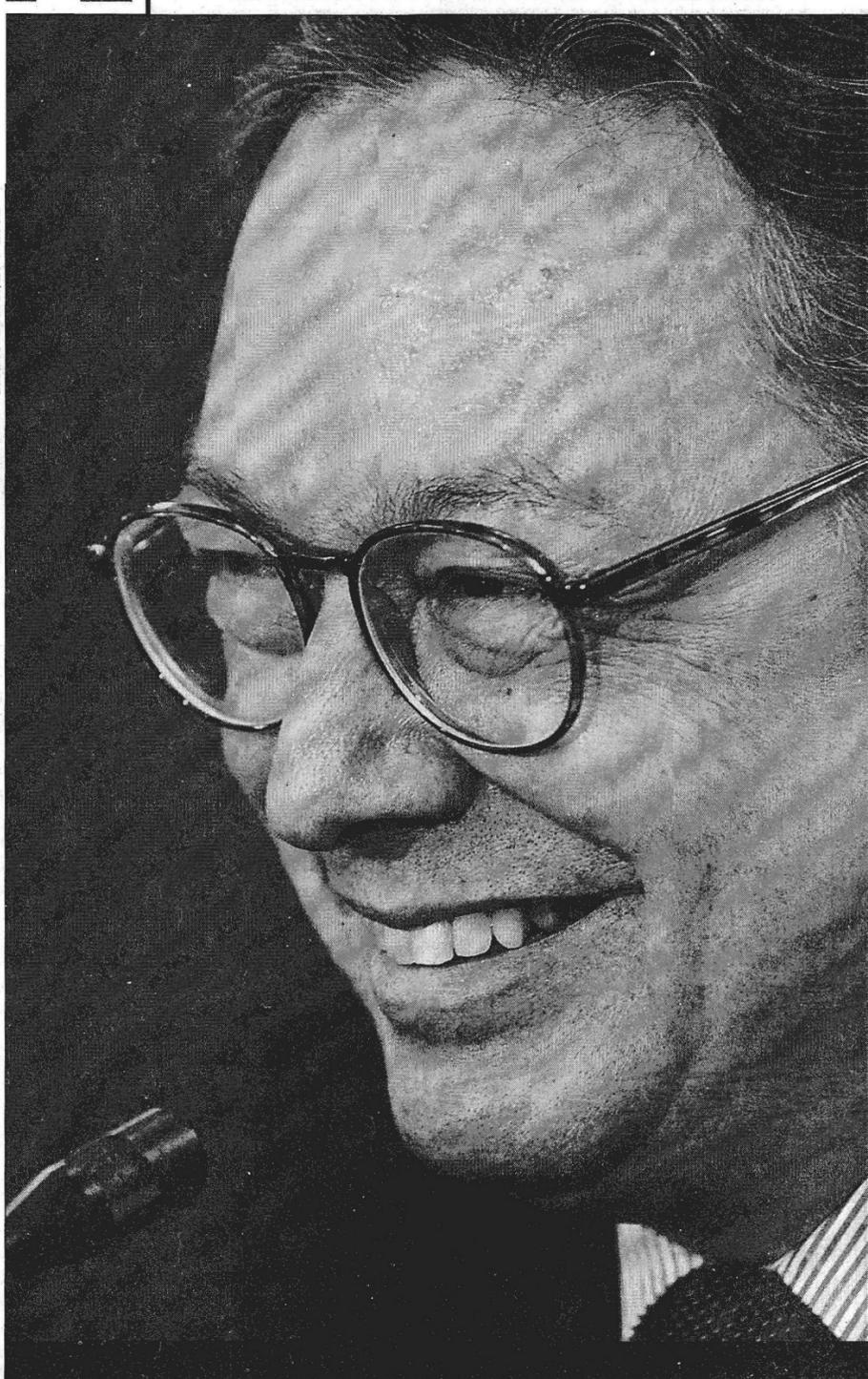
Malan vê tudo isso como um processo que pode levar à mais ampla e segura democracia. A democracia pela qual lutou durante o regime militar, nos seus dois mandatos no Instituto de Economistas do Rio, nos seus muitos artigos e debates.

— A beleza da democracia é o debate público que ela propicia e que permite que as pessoas possam rever posições, reconsiderar — diz.

Durante os primeiros quatro anos em que esteve no cargo de ministro, o país cresceu a taxas altas; depois, elas foram medíocres, o país recorreu ao FMI várias vezes, a dívida cresceu. Mas ele garante que não vê nada disso com frustração.

— Tenho um sonho: viver num país que consiga aliar liberdades individuais, justiça social e eficiência econômica. Nas três dimensões, houve avanços durante o governo ao qual servi. Tenho a consciência tranquila de que fiz o melhor, mas o melhor nem sempre foi o suficiente. Quem tem baixa taxa de resistência às frustrações não dura neste cargo. ■

Gustavo Miranda/26-7-2002



PEDRO MALAN: "Quem tem baixa taxa de resistência às frustrações não dura neste cargo"

As caras do governo

A História terá dificuldades de separar os dois. A política econômica de FH foi Malan

JOSÉ SERRA

• O tucano entrou para o governo como ministro do Planejamento no primeiro mandato de Fernando Henrique. Saiu, se candidatou à prefeitura de São Paulo e perdeu. Em março de 98, assumiu o Ministério da Saúde. Comprou brigas, especialmente com laboratórios farmacêuticos e fabricantes de cigarros e até com a Organização Mundial de Saúde (OMS), e conseguiu avanços. Saiu como responsável pelos genéricos e pela vitória contra as patentes dos grandes laboratórios de remédios para Aids. Disputou a Presidência e foi derrotado.

PAULO RENATO

• Um dos três ministros que estão com Fernando Henrique desde o início de seu governo, assumiu um ministério com sérios problemas estruturais. Oito anos depois, a educação brasileira apresenta números muito melhores, com quase todas as crianças na faixa de 7 a 14 anos na escola. Foi elogiado por seu provável sucessor, Cristovam Buarque (PT), como um dos melhores ministros da Educação que o país teve. Implantou o Provão, o Sistema de Avaliação do Ensino Básico e o Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental (Fundef).

EVERARDO MACIEL

• O secretário da Receita Federal, de 55 anos, se transformou num dos homens mais fortes do governo. Venceu praticamente todas as brigas em que se envolveu dentro do governo e com políticos e ficou do começo ao fim da gestão de FH. Nesses oito anos, Everardo colecionou recordes: fez a arrecadação crescer 42% entre 1994 e 2001. Este ano, a expectativa é de que o crescimento acumulado pule para 50%. A Receita quer agora ter acesso à movimentação financeira de contribuintes acima de R\$ 5 mil.

RUTH CARDOSO

• A antropóloga Ruth Cardoso, hoje com 72 anos, foi nomeada pelo marido para a presidência do Programa Comunidade Solidária em fevereiro de 1995. Diferentemente do que faziam as antigas primeiras-damas, ela evitou o caráter meramente assistencialista e criou um modelo de atuação baseado em parcerias entre o Estado e a sociedade. A atuação do programa foi subdividida de acordo com metas, como Alfabetização Solidária, Universidade Solidária e Capacitação Solidária.

1999

Sérgio Marques/12-04-99



CONDECORAÇÃO

• No Palácio do Planalto, o presidente Fernando Henrique beija a mão da atriz Fernanda Montenegro, condecorada por ele com a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito

Roberto Stuckert Filho/06-09-99



SIVAM

• Fernando Henrique deixa um avião da Embraer, na Base Aérea de Brasília, no dia em que recebeu um pedido de mais verbas para o Sistema de Vigilância da Amazônia (Sivam)

Roberto Stuckert Filho/14-10-99



TANGO ARGENTINO

• Fernando Henrique e o presidente da Argentina, Carlos Menem, em visita ao Brasil, parecem estar dançando um tango na hora dos cumprimentos no Palácio do Planalto

Ailton de Freitas/29-12-99



DESCANSO

• Fernando Henrique, Nelson Jobim, do Supremo Tribunal Federal, o filho do presidente, Paulo Henrique, e o cineasta Walter Sales na Praia do Morcego, em Angra